

CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAIS)

Amanda Da Silva Sant'Ana

Pró-Reitora de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPGEduc, vinculado ao Grupo de pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO – Universidade do Estado da Bahia - UNEB, santanasamanda@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa é fruto do projeto Profissão Docente na Educação Básica da Bahia, do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na educação Básica – DIVERSO vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as condições do trabalho do professor no ensino fundamental (anos iniciais) da Rede Municipal de Educação de Salvador, analisando o processo de constituição da profissão docente. Como perspectiva metodológica optei pela abordagem quali-quantitativa realizada através da aplicação de um questionário e o uso de entrevista semiestruturada com professores de uma das escolas da Rede Municipal de Salvador, recorte específico utilizado para este estudo. Para isto, foram discutidas as condições do trabalho docente e a profissionalização tendo como aporte teórico as contribuições de diferentes autores, como: Nóvoa (1999), Oliveira (2010), Tardif (2010), Gatti (2011), entre outros. Os resultados apresentados ao longo do estudo abordaram que mesmo com mudanças relevantes em relação à profissão docente questões como: precarização, desvalorização e flexibilização merecem ser estudadas e analisadas a partir do processo de constituição da profissão docente como uma construção sócio-histórica e como esta construção afeta as condições do trabalho dos professores e conseqüentemente a sociedade neste atual período.

Palavras-chave: Condições de Trabalho Docente, Profissionalização, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

As diversas condições de trabalho do professor do século XXI tem sido um dos fatores preocupantes em relação à educação num âmbito geral. A carreira docente surge a princípio de forma não profissionalizante. Tomando como ponto de referência o período colonial no Brasil podemos apresentar este quadro de como o trabalho docente se inicia de um modo amador. Segundo Romanelli, com a intervenção educativa da Companhia de Jesus, “Sendo a obra da catequese que, a princípio, constituía o objetivo principal da presença da companhia de Jesus, acabou gradativamente cedendo lugar em importância a educação da elite.” (ROMANELLI, 2007, p.35).

A princípio a chegada dos Jesuítas não era educar, mas com o passar do período os objetivos foram se modificando e o trabalho docente passa até um posicionamento a partir do momento em que com a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a falência de seu projeto educacional podem ser considerados como o princípio dessa peculiaridade tão arraigada do sistema educacional brasileiro. Transcorre-se mais de 400 anos – contando a partir do período pré-colonial – de sua história, o Brasil passou a contar com o Ministério da Educação e Saúde Pública, que elaborou uma reforma educacional.

Esse período que o Estado se torna responsável pela Educação e por todos os outros fatores que segmentam o sistema educacional cria um aspecto da falta de autonomia, pois o professor se tornar um produto particular do Estado, o qual deve apresentar os aspectos e o poder ideológico de quem os dirigem, ou seja, o Estado. Estes fatores acabam por desencadear outra imagem do professor, aquele que não pode ser superior, nem inferior, não procede ser burguês e nem do povo, isto é, um perfil meio termo. No entanto, deve ser considerado que o professor tem suas subjetividades e que isso interfere no seu trabalho, assim como as condições as quais são dadas para exercer sua função.

Este artigo tem como objetivo analisar como as condições de trabalho docente refletem no processo de profissionalização dos professores (anos iniciais) da Rede Municipal de Ensino de Salvador e apresentar resultados acerca da pesquisa através de uma abordagem, a princípio, de quantificação, com a coleta de dados e o tratamento delas por meio de entrevistas narrativas, formulário, desenvolvido pelos integrantes da Pró-Reitora de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPG, vinculado ao Grupo de pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO, que estão sendo encaminhadas para professores, sorteados, da rede municipal de Salvador, por meio da Plataforma do *Survey Monkey*. Após a coleta e análise destes dados, descreveremos os resultados, isto é, a partir das leituras realizadas, discussões, entrevistas e a contribuição dos professores da rede, serão dadas continuidade a este trabalho numa perspectiva mais distinto relacionado ao trabalho docente e suas condições de trabalho, aos quais temos como sujeito de pesquisa os professores do ensino fundamental da escola municipal São Gonçalo do Retiro, Bahia e a partir desta abordagem quali-quantitativa, analisando a gênese docente, o processo de profissionalização e como o trabalho docente tem se tornado um fator preocupante não apenas para a educação, mas para a sociedade num âmbito geral.

METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foi desenvolvida uma pesquisa quali-quantitativa, visando apresentar um cenário de “dados” mistos no que se refere às condições de trabalho docente, atendendo a dimensão subjetiva dos sujeitos e aos aspectos mais objetivos no que se refere à construção do perfil profissional dos professores.

CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE

Este estudo visou identificar e analisar as condições de trabalho docente no Ensino Fundamental (Anos iniciais) a partir da pesquisa feita em uma das escolas da Rede de Educação Municipal de Salvador. Para isto, levou em

consideração a noção de condições de trabalho docente apresentadas por Oliveira e Vieira (2012, p.157):

As condições de trabalho docente se referem à forma como está organizado o processo de trabalho nas unidades educacionais, compreendendo escolas, pré-escolas, creches e outros espaços que se desenvolve o processo educativo. Tais condições compreendem aspectos relativos à forma como o trabalho está organizado, ou seja, a divisão das tarefas e responsabilidades, a jornada de trabalho, os recursos materiais disponíveis para o desempenho das atividades, os tempos e espaços para a realização do trabalho, até as formas de avaliação de desempenho, horários de trabalho, procedimentos didático-pedagógicos, admissão e administração das carreiras docentes, condições de remuneração, entre outras.

Nesse estudo específico, devido a abrangência das condições docente, elegemos alguns aspectos para análise entre eles: perfil docente (questão de gênero), condições físicas e materiais do trabalho docente, plano de carreira e remuneração, jornada de trabalho e a questão da saúde.

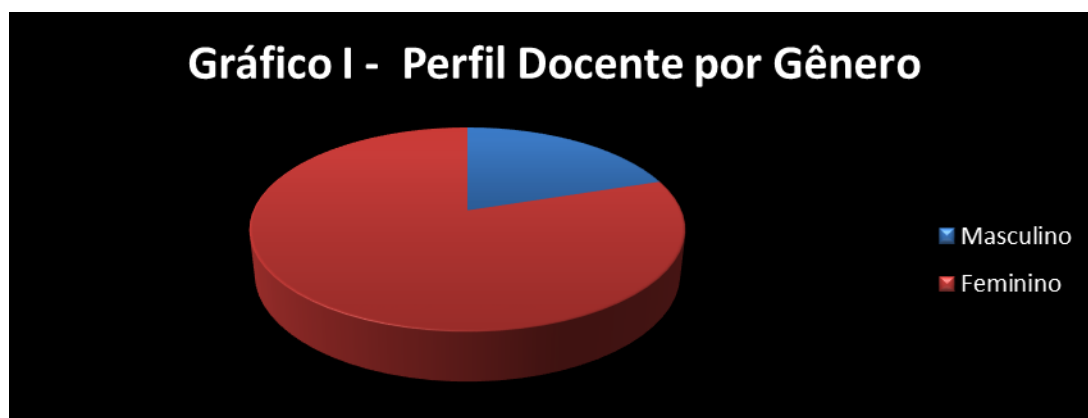
Perfil docente (questão de gênero)

A docência passou a ser considerada uma profissão feminina a partir do momento em que as mulheres tiveram a oportunidade de prosseguir seus estudos na Escola Normal através da atividade docente, a partir de então o número de mulheres começou a ser tornar superior ao número de rapazes nessa carreira. É importante enfatizar que o aumento das mulheres na carreira docente não está relacionado a precarização da área. De acordo com Freitas e Souza (200-), a crescente urbanização e industrialização ocasionou o afastamento dos homens das salas de aula e estes foram em busca de oportunidades que lhe trouxessem um melhor retorno financeiro, ou seja, a presença da mulher na docência reforça esta profissão como secundária, devido ao segmento familiar, considerado tradicional neste período de inserção das mulheres na atividades para além do lar, no qual, o homem é visto como provedor, sendo coerente para aquele período, associar qualquer atividade onde a mulher estivesse inserida como secundária ou marginalizada.

A partir de 1940 quando a educação brasileira alcança um processo considerado universal, a expansão do ensino reflete um corpo docente com um número maior de mulheres em relação aos homens. Para Lugli e Vieira (2009), a explicação para a feminização do trabalho docente está relacionada a ideia conservadora de “vocação”. Os quesitos, como: cuidado, afeto, subjetividade, isto é, questões fundamentadas numa perspectiva biológica que contribui para retrocessos sociais. Para Vieira (apud SENKEVICS,2011), não se tratar em afirmar que isto é uma questão da natureza, mas a forma como a

socialização, tanto de homens quanto de mulheres interferem na profissão que escolhemos, ou seja, tanto a imagem feminina como a masculina elas historicamente são construídas.

As marcas de um quadro docente predominantemente feminino na escola estudada podem ser comprovadas através do gráfico abaixo, no qual 80% dos professores que responderam ao questionário são do sexo feminino, sendo que deste total 60% são casadas ou estão numa relação estável e tem filhos, exercendo com isto uma dupla jornada de trabalho.



Fonte: Questionário com professores do Ensino fundamental (Anos Iniciais), 2017.

Analisando este gráfico temos a referência simbólica da mulher em sala de aula, pois os símbolos culturais, as doutrinas, as regras estabelecem classificações, isto é, a questão da presença massiva no corpo do trabalho docente ser formado por mulheres está ligada também as atividades, significados e práticas associadas ao universo feminino, como afirma Carvalho (apud SENKEVICS, 2011). Podemos perceber estas questões através dos relatos das professoras nas entrevistas ao exemplificarem os vários papéis que exercem na docência:

São muitos alunos carentes. Eu falo de carinho, só querem atenção [...] Eu costumo beijar meus alunos, alguns eu dou meu zap, entende? Muitos professores não fazem isso, mas eu faço [...] eu tenho esse costume de está sempre beijando, abraçando, sempre pergunto se está bem, precisando de alguma coisa [...] o professor também é psicólogo e também é mãe, ele não é só professor. (Professora Esther, 2017).¹

A gente é professor, é psicólogo que tem de ficar educando, porque eles não recebem em casa. A questão afetiva, também deles [...]. A carência deles. (Professora Luna, 2017)

¹ Os nomes das professoras são fictícios para manter preservada a imagem das mesmas.

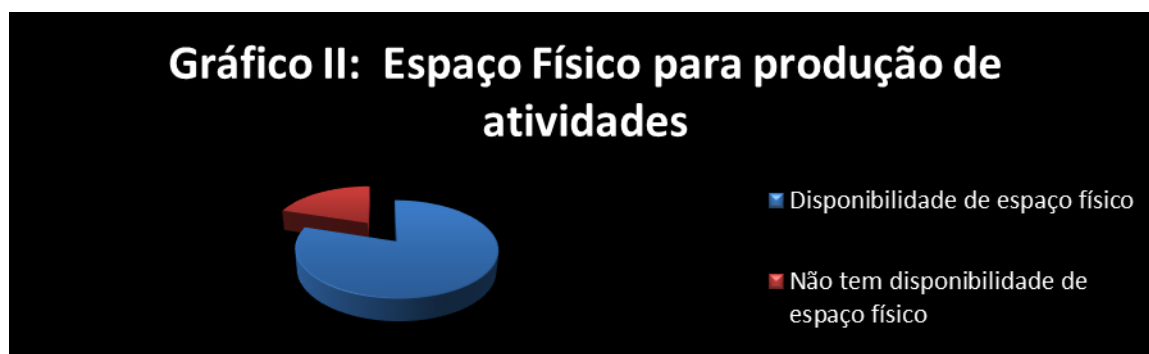
Estas ações são tomadas muitas vezes como “tarefas invisíveis” (TARDIF e LESSARD, 2012) no trabalho docente em que o investimento afetivo não mensurável é tomado como tarefa obrigatória de ocupações tidas como femininas. É neste cenário que muitas atividades feitas pelas professoras entrevistadas como deixar o material em ordem, cuidar do afetivo do aluno, entre outras vem acrescentando mais ações ao seu trabalho que não são consideradas, pois, “Manter a classe em ordem, cuidada, “fazer o ordinário”, preparar como é preciso atividades e material, eis aí qualidades tradicionais das professoras de profissão e das mulheres em geral, como testemunham as antigas recomendações para aceitar mulheres no ensino.” (TARDIF e LESSARD, 2012, p.176).

Condições físicas e materiais

Ao observar a escola atual, podemos conceituá-la não apenas como um espaço físico, mas, sobretudo, como um meio de socialização, não apenas entre professores, mas toda comunidade interna e externa que constitui o espaço organizacional da escola.

De acordo com Horta (2009), a estrutura física de uma escola é de suma importância para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem do aluno, nos seus aspectos cultural, social, econômico e político. Os padrões mínimos para o funcionamento de uma escola são: instalações físicas, equipamentos, recursos humanos e pedagógicos.

O gráfico abaixo demonstra a questão do espaço físico da escola pesquisa disponível para a realização das atividades relacionadas ao trabalho docente como correções e planejamentos de aulas.



Fonte: Questionário com professores da classe do ensino fundamental (Anos Iniciais), 2017

Este gráfico apresenta que 80% dos professores têm disponibilidade de espaço físico para trabalhar, no entanto, espaço físico não é o único elemento necessário para realizar as atividades escolares. De acordo com o gráfico abaixo, 60% dos

professores não conseguem realizar suas tarefas dentro da carga horária.



Fonte: Questionário com professores da classe do Ensino Fundamental (Anos Iniciais), 2017

Esse resultado aponta o quantitativo de professores que tem de trabalhar além do seu local de trabalho, pois o tempo é considerado pouco, sendo outros momentos do docente renunciados com lazer, familiares e até descanso.

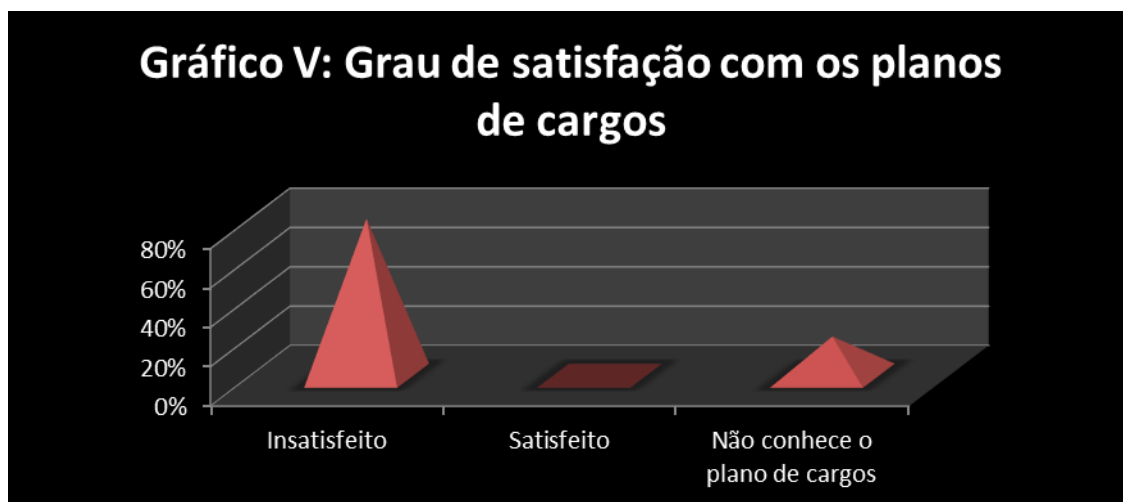
Todas as terças eu tenho duas horas/aulas de planejamento e tenho que está com meus planejamentos prontos da semana. Eu faço durante a noite, como eu só vice lá – São Francisco do Conde – e também trabalho com parcerias é muito tranquilo. Eu chego tá tudo correto, tudo no lugar? Ai, eu posso me sentar. Ai, eu começo a planejar. (Professora Esther,2017).

Como podemos perceber nos resultados apresentados nos questionários e na fala da professora, a falta de estrutura física e gestão pedagógica da carga horária do docente resulta em problemas que tendem a precarizar o trabalho docente. Ainda de acordo com Horta (2009), pode se afirmar que o ser humano é um ser permanente em relação com o meio. Direcionando esta afirmação para a escola pesquisada podemos notar que a falta de estrutura para planejamentos e de preparação de material influencia no desenvolvimento das atividades do professor, o que acarreta consequências para o aprendizado dos alunos e para saúde de ambos.

Plano de carreira e remuneração

Toda carreira profissional desde o início da sua formação até a entrada efetiva no cargo escolhido como profissão gere expectativa de crescimento, assim podemos definir que um plano de carreira está correlacionado aos segmentos e as respectivas classes e cargos a níveis de escolaridade e padrões de vencimento.

Neste aspecto, o plano de carreira interessa diretamente aos profissionais que trabalham na educação pública, entre eles professores, diretores, coordenadores, tendo como itens de avaliação: formação inicial e continuada, o número de alunos por sala, o sistema de avaliação, a progressão funcional, entre outros. O gráfico abaixo representa a satisfação dos professores em relação aos planos de carreira e salários.

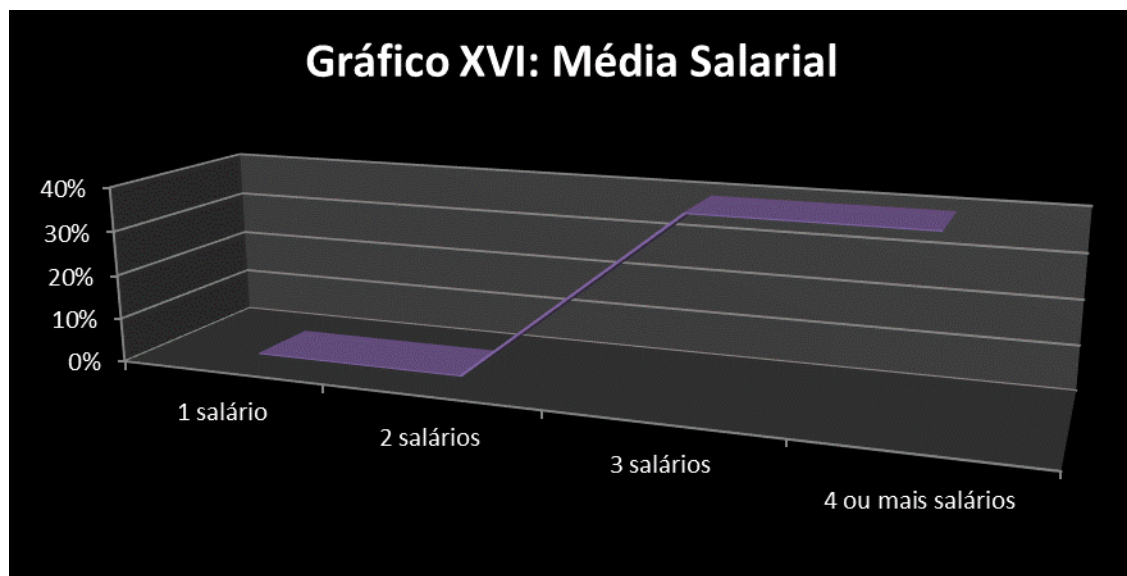


Fonte: Questionário com professores da classe do ensino fundamental (anos iniciais), 2017

O que pudemos observar no gráfico é que há um grau de insatisfação grande em relação ao Plano de Carreira e Salários dos docentes, nos levando a entender que este é uma das questões de maior impacto em nosso questionário, assim o grau de insatisfação com os Planos de Carreira e Salários torna-se referência para a desmotivação com a carreira docente.

De acordo com Gatti & Barreto (2011), o reconhecimento do professor como profissional passa pela oferta de carreira e remuneração digna atrelada a uma formação de qualidade, pois nada adianta facilitações para a entrada no curso superior e diplomas, se há falhas não supridas, cursos ofertados de modo negligente e diplomas que não passam de um papel, pois de fato não garantem o conhecimento as novas gerações. Estes fatores implicam numa queda em relação à atratividade da profissão docente, principalmente para os jovens, conforme constata Gatti, pois outras áreas oportunizam melhores condições de trabalho.

De acordo com as respostas do questionário realizado com os professores em relação a média salarial, numa escala de insatisfeito a muito satisfeito, 40% respondera que estão satisfeitos, outros 40% que estão insatisfeitos e outros 20% não responderam, sendo imprescindível assinalar que dos 40% que responderam está satisfeito com o que recebem tem acima de três salários mínimos e tem como outra fonte de renda emprego de conjuge ou outro parente.



Fonte: Questionário com professores da classe do ensino fundamental (Anos Iniciais), 2017

Nas entrevistas, os professores relatam que é difícil trabalhar apenas com o salário de professor.

Minha carga é muita intensa. Porque eu assinei dois contratos, foi o de efetivo e o de REDA por questões financeiras, porque se fosse apenas com um – salário – não conseguiria está no nível de vida que eu tenho hoje. (Professora Luna, 2017).

Pra você sobreviver com um salário de 40 horas para mim que sou vaidosa [...] não é impossível, mas quando a gente tem filho a gente pensa diferente. Pago plano de saúde, pago babá, pago escola, pago transporte, tenho que pegar Uber todo dia para ir pra Rodoviária, porque senão não dar tempo[...] É uma luta com este salário. (Professora Esther, 2017).

Mesmo com todas essas questões em relação à remuneração e ao plano de carreira, quando questionadas a respeito da troca de profissão ou se estão satisfeitas com o que fazem as professoras dizem:

Se você entrar nessa profissão, você tem que encarar ela como missão, porque se você não encarar como missão você não vai se sentir recompensado, a recompensa é aos pouquinhos. (Professora Luna, 2017)

É um trabalho de formiguinha. É um trabalho demorado, mas é um trabalho prazeroso. Quando a gente ver aquele nosso aluno avançado cada vez mais. (Professora Esther, 2017)

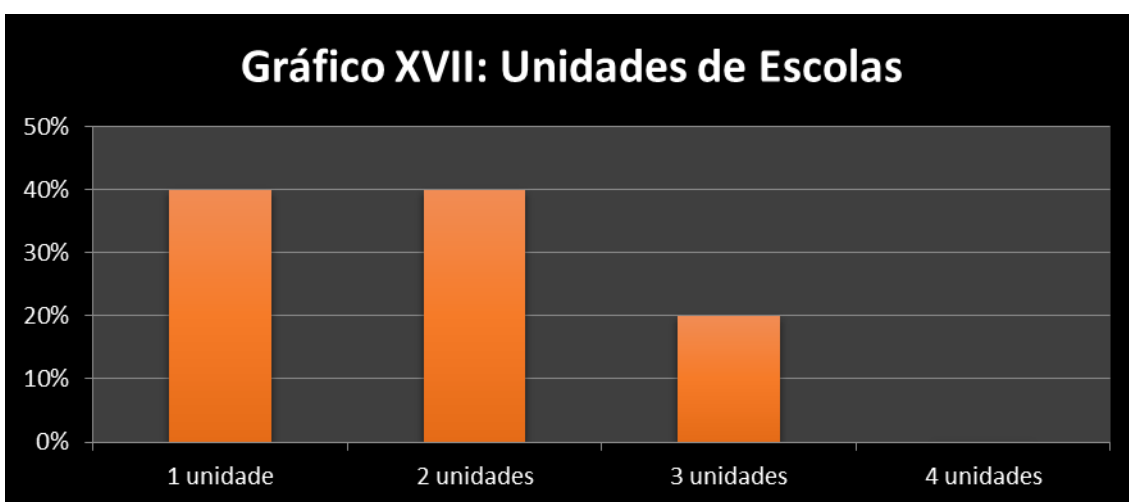
É notável que os docentes compreendem e encaram a educação como um processo, no qual, as mudanças são gradativas, tendo que ser encarado com um trabalho que durante o seu processo trazem diversas frustrações e decepções que alimentam a desistência desta carreira, no entanto, as vitórias alcançadas com muito esforço e paciência

são os estímulos que mantêm acesa as expectativas e esperança que o trabalho docente não fica no vazio e trazem mudanças significativas e humanizadoras para seus alunos.

Considerando o Brasil como um país democrático não se é plausível deixar em segundo plano o papel dos professores na educação básica, pois estes são, em parte, responsáveis pela formação e a construção cultural, econômica, social e política do nosso país. Garantia de financiamento, com articulações entre os três níveis federativos são de suma importância, deixando claramente definidos as propostas e ações de carreira e salário que convenha com o real trabalho dos professores da educação pública brasileira.

Jornada de trabalho e carga horária docente

De acordo com Oliveira e Vieira (2012), a jornada de trabalho é intensificada por meio da extensão da jornada diária, redução das porosidades na jornada diária, ou seja, “buracos contidos na jornada de trabalho que se referem aos momentos em que o trabalhador vai ao sanitário, conversa” (OLIVEIRA & VIEIRA, 2012, p.167). A jornada de trabalho é um aspecto fundamental para a construção de condições adequadas ao trabalho docente. Para Monlevade (apud JACOMINI & PENNA, 2014) a desvalorização salarial do docente na década de 1970 teve como consequência a múltipla jornada de trabalho tudo como modo de compensar os baixos salários trabalhando em mais de uma unidade escolar, assumindo duas até três jornadas diárias na mesma rede ou em rede diferentes de ensino.



Fonte: Questionário com professores da classe do ensino fundamental (Anos Iniciais), 2017

Previsto no artigo nº 37/88, inciso XVI, da constituição federal “é vedada a acumulação remunerada de cargos públicos”, no entanto para cargos como professor, técnico ou científico se tornam exceções. Esse ponto poderia ser considerado como uma conquista para área da educação, no entanto, o acúmulo de cargo se justifica pela questão

da baixa renumeração salarial e isto implica na qualidade do trabalho docente que inevitavelmente fica prejudicada.

Ano passado, eu não tive um problema de saúde, mais fiquei muito, muito fadigada, sabe? Quase entregava o REDA e ficava pelo menos com um vínculo.” (Professora Luna,2017).

São todos os dias. Eu acordo 4:20 da manhã, pego ônibus de 5:15, chego aqui no máximo de 7:40. Retorno a Rodoviária pego o ônibus das 17:30. Chego lá – São Francisco do Conde – as 19:00 horas e encerro minha jornada de trabalho as 22:00 horas. São 60 horas, não tenho folga, sou contrato aqui Salvador e em São Francisco do Conde. (Professora Esther, 2017)

Dos professores entrevistados 60% trabalham 40 horas semanais e 40% trabalham mais de 40 horas semanais, sendo interessante apontar que 60% leva de 20 a 30 minutos para chegar a escola, e alguns professores acabam não incluindo o deslocamento de sua casa para uma unidade, de uma unidade para outra e o retorno para casa como sua jornada de trabalho.

Docência e saúde

A quantidade de unidades trabalhadas, associada a jornada de trabalho e a carga horária tornam o trabalho docente mais intenso e cansativo, conseqüentemente, leva o professor ao adoecimento. Os docentes, normalmente, relatam e sinalizam essas questões considerando sua profissão cansativa, estressante, frustrante e pouco recompensada. Levando em conta esses fatores torna-se essencial apontar quais fatores leva o professor a avaliar a sua profissão desta forma.

Merleau-Ponty (apud CHAVES, 2012, p.107) afirma que “é por meu corpo que compreendo o outro, assim, como é por meu corpo que percebo coisas”, em outras palavras, o corpo é responsável pela minha interação com o outro, é através dele que esboço os meus sentimentos, carrego as minhas histórias e memórias, frustrações, entre outros e, fazendo uma conexão com o trabalho do professor, notamos que este ofício é carregado de tantas peculiaridades que o docente não se pode dar ao luxo de sofrer, ficar cansando, pois isto pode afetar o desempenho dos alunos, já que o professor é visto como uma fortaleza.

Tem que ter disponibilidade, está com o sorriso estampado no rosto, né? Pra está recebendo seus alunos, esta bem arrumada, bem cheirosa, porque eles olham isso tudo. [...] Você tem que está bem! (Professora Esther, 2017)

De acordo com Albuquerque (2015), os principais motivos de doença em relação ao trabalho docente são: problemas de voz que está associado, ao

esforço vocal que o profissional exerce, sendo o resultado da carga horária semanal, turmas com elevado número de alunos e salas com ambientes desfavoráveis;

Tem que trabalhar muito a voz com meus alunos, as turmas são imensas, o 4^a e o 5^a ano são as maiores turmas de 35 a 36 alunos, então você precisa falar mais alto [...] principalmente essa minha turma que os alunos são indisciplinados. Às vezes você precisa falar mais alto, falar mais sério e até gritar. Claro que você não educa ninguém gritando. (Professora Esther, 2017)

A saúde do docente, ainda é tratada como uma questão marginalizada pela escola e pela Rede. Mesmo com 80% dos professores afirmarem que possuem plano de saúde institucional é possível afirmar que esse professor pouco utiliza, devido a sua carga horária e jornada de trabalho para uma consulta de avaliação, pois, infelizmente, o professor toma as devidas providências em relação a sua saúde quando já está realmente impossibilitado de trabalhar, sendo que não consideram que fadiga, cansaço e estresse como parte do processo de adoecimento.

A questão da saúde docente ainda é tratada com uma questão marginalizada no setor educacional, gerando preocupações tanto na gestão escolar como nos docentes. Ser professor é uma profissão que exige cuidado com o outro, no entanto, neste processo de cuidar do outro, o docente esquece de si mesmo. Na maioria das vezes ignorando alguns sintomas de adoecimento que são tomados cuidados quando já está numa proporção maior é que o docente atento para cuidar de si. Além disso, o problema de saúde docente é um processo vivido individualmente, o que deveria ser contrário, já que este, o professor, cuida de todos, entretanto, esse é um olhar a ser construída nessa categoria, assim como o reconhecimento da doença e a sua relação com as condições de trabalho, numa colaboração em prol a diminuição do adoecimento e abandono da profissão docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados ao longo do estudo abordaram que mesmo com mudanças relevantes em relação à profissão docente questões como: precarização, desvalorização e flexibilização merecem ser estudadas e analisadas a partir do processo de constituição da profissão docente como uma construção sócio histórica e como esta construção afeta as condições do trabalho dos professores.

REFERÊNCIAS & CONSULTAS

CHAVES, Iduiná Mont'Alverre Braun. **Corpos, saúdes e cuidados de si: desafios (auto)biográficos num contexto escola.** In: CUNHA, Jorge Luiz da. VICENTINI, Paula Perin (orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica temas transversais. Corpos,saúde, cuidados de si e aprendizagens ao longo da vida: desafios (auto)biográficos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, Natal EDUFRRN; Salvador EDUNEB,2012. p.107 – 115.

JACOMINI, Marcia Aparecida. PENNA, Marieta. **Carreira docente e valorização do magistério: condições de trabalho e desenvolvimento profissional.** Pro – posições[online], vol. 27, n.2,2016, pag. 107 – 202. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pp/v27n2/1980-6248-pp-27-02-00177.pdf>>. Acesso em maio de 2017.

GATTI. Angela Galizzi Vieira. VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque ?Pianovski. **Histórias da formação dos professores no Brasil: o primado das influências externas.** Disponível em: < <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=12308&dd99=view&dd98=pb> >. Acesso em: Maio de 2017 .

HORTA, Silas Dumont Pires. **A influência da estrutura física no ensino aprendido.** Disponível em:<<http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-da-estrutura-fisica-no-ensino-aprendizado/28413/>>. Acesso em: julho de 2017.

NÓVOA, Antônio (Org). **Profissão Professor Porto-Portugal.** Porto: 1999.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. VIEIRA, Lívia Fraga (Orgs.). **Trabalho na educação básica: a condição docente em sete estados brasileiros.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

OLIVEIRA. Andrade Dalila.**Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil.** Editora UFPR,2010. p. 17-24.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: (1930/1973),** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **De lavradora a professora primária na roça: narrativas, docência e profissionalização.** Revista Brasileira de Educação. V.21, n. 65, p. 325-346. Abr/jun, 2016.

TARDIF, Maurice.LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes,2012.

VICENTINI, Paula Perin;LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa,** São Paulo: Cortez, 2009.

Amanda Da Silva Sant'Ana

Pró-Reitora de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPGEduc, vinculado ao Grupo de pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO –Universidade do Estado da Bahia - UNEB, santanasamanda@gmail.com